

RELIGIÃO E TRANSFORMAÇÕES**SOCIOAMBIENTAIS: RELIGARE****ET RENATURARE***

Carolina Teles Lemos**, Clodomir B. de Andrade***, Ivoni Richter Reimer****, Rodrigo Coppe Caldeira*****

Em vários sentidos, o conteúdo simbólico do perímetro formado pelo triângulo da natureza, da espiritualidade e do ser humano extravasa a dimensão propriamente religiosa e se espraia pelos diversos reinos das crenças e ações humanas, vascularizando as nossas visões de mundo e iluminando as nossas ações, nem sempre as mais felizes e raramente sábias. Enquanto essas palavras são escritas, o Brasil assiste atônito ao maior desastre ambiental da sua história, com o óleo do descuido e da ganância destruindo a fauna, a flora e a paisagem humana e natural das praias do Nordeste brasileiro; exatamente o mesmo descuido e a mesma ganância que se assistiu em Mariana (2015) e Brumadinho (2019). A Amazônia, o maior bioma do planeta, arde em muitos sentidos, se tornando foco de disputa não só geopolítica como também missionária. O espectro do colapso societário global pela mão do nosso descaso e descuido deixa de fazer par-

* Recebido em: 03.11.2019. Aprovado em: 19.11.2019.

** Doutora em Ciências Sociais e da Religião (UMESP). Mestra em Ciências da Religião (UMESP). Graduada em Pedagogia e Psicologia (PUC Goiás). Professora no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião (PUC Goiás). *E-mail:* cetelemos@uol.com.br

*** Doutor em Ciência da Religião (UFJF). Pós-Doutor (Boston University). Mestre e Bacharel em Filosofia (UFRJ). Professor no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião (PPCIR) e do Departamento de Ciência da Religião (UFJF). *E-mail:* clodomirandrade@yahoo.com

**** Doutora em Teologia/Ciências da Religião (Universität Kassel). Graduada em Teologia (Faculdades EST). Docente no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião (PUC Goiás). *E-mail:* ivonirr@gmail.com

***** Doutor e Mestre em Ciências da Religião com pós-doutorado em História das Teologias e Religiões (University of Warsaw/Polônia). Graduado em História. Professor no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião (PUC Minas). Líder do Laboratório de Estudos em Religião, Modernidade e Tradição (LeRMOT). *E-mail:* rodrigocoppe@gmail.com

te das fantasias apocalípticas para se tornar cenário possível e plausível, oriundo do nosso processo de subalternização e instrumentalização do mundo natural, ao qual recusamos a nossa pertença ontológica. Existem muitas maneiras de encarar tal fenômeno. Gostaríamos de começar apontando para o fato de que muito falamos da natureza, mas nunca como natureza. Como bem nos recorda Thoreau (2001, p. 225):

Eu quero falar uma palavra pela Natureza, pela liberdade absoluta e selvagem, em contraste com a liberdade meramente política e civil. Considerar o ser humano como um habitante, parte e pedaço da Natureza, mais do que um membro da sociedade. Quero fazer uma declaração extrema, se assim posso torná-la enfática, pois já existem defensores suficientes da civilização: o pastor, a secretaria de educação e cada um de vocês podem se encarregar disso.

De forma radical, esse hiato, como todo interstício criado por um afastamento unilateral e mal resolvido, se cristaliza num certo tipo de olhar; um olhar que não pousa mais sobre a natureza como morada comum, como *koiné óikos*, mas como potencialidade de recursos, relegando os seres que nela habitam de forma mais íntima – as plantas, as pedras, as águas, os bichos, os povos tradicionais – à condição de entraves incômodos que se colocam no caminho redentorista de um processo contínuo e acelerado de crescimento econômico e de consumo irrefletido, este, filho de pais que enxergam na lógica do crescimento ininterrupto e no desfrute desigual da riqueza a soteriologia possível num mundo desencantado. Mas o que a religião tem a ver com tudo isso?

Há cinquenta e dois anos atrás, em março de 1967, num mundo ainda relativamente alheio à agudização da crise ambiental com a qual hoje nos deparamos, um medievalista americano causou relativo furor acadêmico ao apontar para as raízes históricas e ideológicas da crise ambiental que se avizinhava. Em seu artigo, “As raízes históricas de nossa crise ecológica” (1967, p. 1203-7), resultado de sua apresentação no congresso anual da Associação Americana de História, Lynn White Jr. apontava para o fato de que a nossa instrumentalização subalternizante da natureza, mais do que oriunda da própria tecnociência, repousava num certo olhar míope, que deformava – e ainda deforma – a nossa visão do mundo natural a partir do nosso afastamento e divórcio unilateral daquele. Os muitos e problemáticos usos e abusos da tecnociência seriam, neste sentido, para aquele autor, simplesmente um epifenômeno de dois problemas anteriores e superiores: (i) uma questão epistemológica: a mirada, o olhar que pousamos sobre a natureza; e o seu correlato negativo no mundo da práxis, (ii) o nosso esquecimento de nossa pertença à natureza, com a sua consequente exploração irrefletida. Desse modo, a mirada falsificadora que pousamos sobre a natureza da natureza, sobre a nossa própria natureza e sobre as relações entre essas duas, foi historicamente construída a partir da nossa relação de objetificação, hierarquização antrópica, subalternização e instrumentalização

do mundo natural. Nesta perspectiva, quando nossa mão cega cai sobre a natureza, esse ato nada mais representa do que um corolário particularmente trágico daquela mirada falsificadora que cria as condições de possibilidade para que nós, que esquecemos de nos enxergar em nossa posição originária, arcaica, radicular, a de nossa pertença inextrincável à natureza, a enxerguemos como “o Outro”. Mais do que isso – e mais importante para nós, aqui – Lynn White, Jr. debitava parcela importante daquela deformação da nossa mirada ocidental ao texto bíblico do Gênesis. Tal instrumentalização do texto bíblico repercutiria ainda no antropocentrismo exacerbado do humanismo renascentista, cujo coroamento pode ser localizado no projeto cartesiano que separava não só o corpo do espírito como também isolava o ser humano do mundo natural, subordinando este àquele. Vale dizer, o passivo ambiental que ora se testemunha, potencializado pela exploração irrefletida de recursos naturais finitos, segundo um modelo de consumo globalizado seria, por isso, um dos corolários inevitáveis daquela lógica teológica antropocêntrica preconizada e legitimada pela tradição judaico-cristã. Nesta perspectiva, o abismo da crise ambiental que hoje se constata colocaria em xeque todo o pedigree religioso/ideológico do edifício teórico e prático do mundo Ocidental. Neste sentido, marca-se aí, no artigo de Lynn White, Jr., tradicionalmente, o nascimento formal da imbricação entre os estudos críticos da relação entre religião, natureza/crise ambiental e as humanidades.

A revisitação – alguns diriam ressignificação ou mesmo reinvenção – dos conteúdos míticos, rituais, teológicos, bem como daqueles pertinentes ao campo da ação humana no âmbito das tradições espirituais, a partir do impacto da questão ambiental, da natureza ou da ecologia são, hoje, um dos mais férteis campos das humanidades. A complexidade metodológica comum àquelas três áreas (Religião, Humanidades e Ecologia), enfeixada nas balizas epistemológicas da interdisciplinaridade e transdisciplinaridade, mostraram-se canteiros fecundos para o desabrochar de perfis dialógicos inauditos até bem pouco tempo atrás. Seria um exercício de desmedida tentar mapear – ou mesmo apontar – as múltiplas transversalidades que a natureza inter- e transdisciplinar, que tanto a(s) Ciência(s) da Religião, as Humanidades e os estudos ecológicos, conjuminados, engendraram: teologias eco-feministas, estudos da subalternidade a partir do nexos entre as dimensões religiosa e ambiental, estudos decoloniais e pós-coloniais colocando as crenças e práticas das religiões no centro dos debates; teologias que dialogam e se interpolinizam com o eco-marxismo e a justiça ambiental; o veganismo e o vegetarianismo, aliando o respeito, inclusive jurídico, aos animais, à crítica à pegada ambiental nefasta dos processos de produção e distribuição dos alimentos de origem animal.

Neste sentido, a interdependência e o respeito a todos os seres conscientes, fundamento de várias tradições espirituais, serve como plataforma ótima para se pensar novas moralidades e, no bojo de sua reflexão crítica, novas éticas. Seria necessário um espaço muito maior do qual dispomos para atentar, com justiça, ao impacto das muitas Sociologias e Antropologias da Religião revestidas,

agora, de forma propedêutica e metodológica, das imbricações ambientais, sem falar do respeito institucional recém-adquirido pelos povos tradicionais ou originários como produtores de saberes naturais e espirituais altamente relevantes, o que ajudou de forma acentuada na cristalização consensual em torno dos seus papéis como guardiões da natureza, celebrados em recente documento da ONU (1982). Mais do que isso, a nova perspectiva da interdependência entre ecologia e religiosidade, já explícita no preâmbulo da Carta da Terra (1982): “a proteção da vitalidade, diversidade e beleza da Terra é um dever sagrado”, aponta para uma verdadeira mudança de paradigmas, quer no campo das *doxas* quanto no das *práxis* espirituais. Ao referir a dimensão da ação moral ao imperativo espiritual, convergem redes de significados novos e antigos num apelo global, teoricamente supra ideológico que consubstancia, de forma definitiva, espiritualidade e natureza. Ademais, todas essas antigas áreas e esses novos campos, além de se abrirem à revisitação, sob a ótica da natureza, serviram para ajudar na própria realocação da ideia da esfera do sagrado para uma dimensão mais natural, material e imanente, um capítulo novo na história de tradições espirituais que tradicionalmente subalternizaram a natureza em proveito antropocêntrico ou metafísico. Como resultado desta nova complexidade, assiste-se à ressemantização das infinitas práticas que se organizaram a partir da releitura daqueles conteúdos doxológicos.

A multiplicidade das faces e das vozes que se engajaram nesta verdadeira ‘virada verde’ no âmbito das espiritualidades é por demais complexa e rica para ser compreendida num breve editorial como este. Todavia, lembrando aqui Bron Taylor (2005), é fundamental referir aqui não só a um ‘esverdeamento’ dos conteúdos tradicionais das religiões, como também ao surgimento, em escala planetária, de um número incontável de movimentos plurais, descentralizados e ainda relativamente pouco estudados que, antes circunscritos às fraldas mais ‘sincréticas’ da espiritualidade convencional (Novos Movimentos Religiosos; Nova Era; Xamanismo e Neo-xamanismo; Paganismo ou Neo-Paganismo), agora ocupam lugares relevantes em termos da *centralidade* da natureza ou ecologia em suas crenças e práticas. Trata-se, então, muito mais do que uma simples releitura revisionista ‘verde’ das tradições; antes, trata-se de uma revigorante *revolução* na criatividade espiritual, agora não só envazada e colorida de preocupações naturocêntricas verdes – escuras ou claras – dependendo da centralidade do mundo natural nas preocupações de cada grupo, mas de um desabrochar mesmerizante de novas espiritualidades, próprias de um *estar-no-mundo verde*, tanto nas esferas do mito e do rito, quanto das crenças e das práticas espirituais.

Alargando o campo da práxis humana para além dos conteúdos puramente doutrinários dessa nova releitura verde, e notando um desenvolvimento particularmente extraordinário desta múltipla interpolinização, Roger Gottlieb (2006, p. 7), na introdução ao seu influente *The Oxford handbook of religion and ecology*, afirma: “talvez de forma mais importante, enfrentar a crise ambiental significou, para as pessoas religiosas, que elas tiveram que se tornar ativistas

políticas e ecológicas”. Ao abraçar a natureza, dada a importância simbólica e moralmente normativa dos valores religiosos, os nexos explorados pelos estudos da religião acerca da natureza em suas mais variadas instâncias contribuíram para se repensar não só o próprio sagrado, para além da pertinência e relevância das suas esferas doxo- e praxiológicas, mas para se re/pensar e se compreender este admirável mundo novo, onde a preocupação com a natureza surge com destaque. Estas novas “teologias verdes” refundaram solidamente o campo da práxis, ao mesmo tempo espiritual e ambientalista, e podem ser compreendidas como alguns dos principais polos irradiadores, não só de novas culturas espirituais e de novas práticas morais e políticas que hoje se alastram globo afora.

Desde o legendário “espírito do Rio”, construído pela ECO 92 onde, pela primeira vez, as organizações não-governamentais, muitas delas de matrizes religiosas, se tornaram porta-vozes de novas exigências e novas posturas em relação ao meio ambiente. A partir daí, a centralidade das religiões como polos de gravitação ao redor dos quais os muitos problemas ambientais são debatidos e articulados não pode mais ser ignorada. Essa caminhada, que começa com a sacudida civilizacional dos anos 1960 se consubstancia hoje também na dimensão espiritual, que multiplica as possibilidades epifânicas ao reinstaurar valor e sacralidade intrínsecos ao mundo natural. Este trajeto, que conta também com a fundação dos Partidos Verdes na Europa da Guerra-Fria, além do surgimento de incontáveis ONGs (*Greenpeace, WWF etc.*) exclusivamente dedicadas às questões sócio-ambientais, em muito ajudaram a realocação do diálogo entre política institucional e tradições espirituais. Neste sentido, cabe lembrar aqui a obra revolucionária e pioneira de Leonardo Boff, um dos decanos de tal reflexão, que articula de forma prístina as questões espirituais e sócio-ambientais. Seu trabalho, que hoje celebramos junto aos seus 80 anos, atinge o ápice ao servir de plataforma reflexiva para a primeira Carta Encíclica verde, radicalmente sócio ambiental e espiritual, da cristandade católica: a Carta Encíclica *Laudato Si*, escrita pelo Papa Francisco, marco incontornável dessa nova espiritualidade sócio-ambiental (FRANCISCO I, 2015). Os resultados oriundos dessa nova mirada já se multiplicam: a possibilidade de sacerdotes casados celebrando em regiões afastadas, no campo da prática, e a ideia de um “pecado ecológico” no campo propriamente teológico, alargam o panorama dessas soluções de ruptura e continuidade, servindo como dois exemplos sintomáticos desta nova riqueza teologal recém descoberta pelas tradições.

Porém, tal abraço entre as esferas do sagrado e da natureza, no Ocidente, não é algo absolutamente novo. Dentre as várias visões de mundo elaboradas pelo engenho humano em sua incansável busca por sentido, aquelas de matizes panteístas/panenteístas ou imanentistas agrupam ao redor de si interessantes desdobramentos filosóficos e soteriológicos que podem nos ajudar a compreender melhor, ou sob ângulos diferentes e mais fecundos, a relação entre a natureza e o sagrado. A tese de que Deus, o Divino ou o Sagrado – ou como se preferir chamar a aquela paisagem última da existência tão cara aos anelos humanos –

se consubstancia com a existência material e natural informando a realidade, se espalha para alguns corolários extremamente peculiares: se Deus (somente para usarmos a expressão mais difundida no ambiente religioso ocidental) se confunde com o material, então toda Teologia pode, num certo sentido, ser subsumida ao campo de estudos propriamente físico (no sentido do nexo *thé-os = physis*), como, por exemplo, fizeram os estóicos ou, mais modernamente, Espinosa com a sua revolucionária formulação *Deus sive natura* (“Deus ou natureza”); do mesmo modo, toda teodicéia imanente transborda necessariamente para uma *paisagem natural e material*.

Contudo, se de fato o mosaico composto pela noção de sagrado e de mundo natural se entrelaça de forma particularmente profunda na espiritualidade contemporânea, marcando uma de suas características potencialmente mais fecundas, talvez um bom guia para refletir sobre tal entrelaçamento seja a obra, literalmente profética, de Henry D. Thoreau (1817/1862), cujo bicentenário de nascimento comemorou-se recentemente; sua obra nos abre uma janela de oportunidade particularmente ampla para uma reflexão sustentada acerca da relação entre sagrado e natureza. Ao se afastar do centro de sua cidade natal, Concord, em Massachussets, e construir, ele próprio, uma cabana no meio da mata às margens do Lago Walden, próximo a Concord, para se dedicar à reflexão, escrita e agricultura sustentável, Thoreau elabora, de forma inovadora e inimitável, uma “pedagogia do despertar”, através de uma proposta filosófica cujos desdobramentos soteriológicos, éticos, políticos e ambientalistas somente agora começam a ser devidamente avaliados pelas humanidades acadêmicas ocidentais. Pioneiro de uma leitura atenta das tradições sapienciais orientais e herdeiro do projeto clássico grego do autoconhecimento e do cuidado-de-si, sua obra, vazada numa linguagem densa de poesia, se constitui num afloramento particularmente belo e germinal para se pensar as imbricações dos espaços entre sagrado e Natureza, como pode ser percebido em suas famosas palavras: “Eu vejo, cheiro, saboreio, ouço, sinto Aquele/a imperecível ao qual estamos ligados, ao mesmo tempo nosso/a criador/a, nossa morada, nosso destino, nossos próprios seres” (THOREAU, 1985, p. 140).

Thoreau, escritor, místico, ambientalista, filósofo, ativista político, naturalista americano novecentista é, hoje, um ícone global do ambientalismo, da democracia radical e da vida alternativa baseada na autossuficiência, simplicidade e sacralidade do mundo natural. Figura inspiradora tanto de Mahatma Gandhi em sua luta pela libertação da Índia do domínio britânico e de Martin Luther King, Jr. em sua cruzada pelos direitos civis das minorias nos Estados Unidos, Thoreau é, hoje, um marco não só na literatura e em outras searas das Humanidades mas, crescentemente, também, foco de interesse tanto de pensadores no âmbito da Filosofia, especialmente no que tange a sua ênfase nas tradições sapienciais ligadas ao auto-conhecimento e cuidado-de-si como *terapia* filosófica, bem como na área da(s) Ciência(s) da Religião, dados não somente os seus interesses pioneiros no pensamento Oriental, bem como no seu auto proclamado panteísmo. Nesta perspectiva, um caleidoscópio pode ser uma imagem apta para traduzir as

fronteiras fluidas entre religião, filosofia, poesia, ciência, arte e política encontradas nos seus trabalhos, signos de um perspectivismo que prevê toda a riqueza inter- e transdisciplinar das humanidades que gravitam na esfera dos estudos sobre religião. Não obstante tal multiplicidade de temas que se entrecruzam numa impressionante tapeçaria, poucos duvidariam que a natureza é o centro ao redor do qual gravita a sua reflexão, mesmo que não se encontre uma definição unívoca dela ao longo do seu trabalho. O mosaico da sua obra, onde poesia, prosa, diálogo, diário, ensaio científico e relatos de viagem se revelam registros distintos que, de uma maneira ou de outra, ecoam o seu profundo amor e apego ao mundo natural, são também testemunho de sua genialidade como escritor. Contudo, para além de suas inegáveis contribuições como escritor, ambientalista ou teórico político, o seu principal interesse, uma “pedagogia do despertar” cujo epicentro se encontra na reflexão e práxis junto à natureza, ecoam, na realidade, uma veneranda tradição de cuidado-de-si em busca da serenidade cujas raízes remontam tanto à antiguidade clássica Ocidental quanto Oriental. Thoreau, cuja obra nos revela ter ele sido um leitor pioneiro e atento das tradições sapienciais orientais, praticante de técnicas de meditação de lá oriundas, e defensor incansável dos estudos comparativos de religiões recorria amiúde ao Hinduísmo, especialmente a um de seus principais textos clássicos, a *Bhagavadgita* – referência constante em seus escritos – além do Budismo e Confucionismo. As referências quase sempre perspicazes e elogiosas daquelas tradições não deixam de nos impressionar, quando se lembra do estado ainda incipiente do conhecimento Ocidental das tradições sapienciais orientais à época de Thoreau, quando traduções ainda problemáticas eram as únicas fontes de acesso àquelas tradições. Tal abertura ao “Outro” Oriental e ao “Outro” natural, tradicionalmente esquecidos pela academia Ocidental das Humanidades até meados do século passado, parecem transformar Thoreau num modelo novo, típico e planetário de *homo religiosus*. Tais aberturas também apontam para uma polinização mútua ótima que pode ser detectada em suas famosas palavras que, claramente, parecem apontar para um novo *ethos*, quíça agora global: “Suponho que aquilo que em outros homens é religião seja, em mim, amor à natureza”.

Finalmente, sejam quais forem os desdobramentos dessas tendências desenhadas acima, tudo leva a crer que a reflexão sobre o amplexo entre as esferas do sagrado e do mundo natural ainda se encontra muito longe do seu esgotamento. Pelo contrário, o panorama futuro que ora se descortina sugere e promete, com pouca chance de equívoco e muita esperança, que a agudização da crise ambiental terá como uma de suas mediadoras centrais a espiritualidade em suas várias faces e vertentes, e que esta seguirá se enriquecendo e se complexificando com o influxo da natureza para a sua órbita. Neste sentido, tudo indica que, doravante, todo e qualquer tipo de *religare* deverá passar, prévia e necessariamente, pelo caminho de um *renaturare*.

Foi neste sentido que propusemos este Dossiê Temático sobre Religião e Crises Socioambientais, para o qual recebemos muitas contribuições. Cada uma delas, a seu modo, buscou contribuir para esta necessária (re)construção da experi-

ência vital entre religião e natureza/ambiente. Aqui resumimos os seis artigos aprovados, para convidar à sua leitura:

Numa perspectiva educacional intergeracional, o professor Dr. em Teologia, Jefferson Zeferino (PUC-PR), a Ma. Dranda. em Teologia Raquel de Fátima Colet (PUC-PR) e o professor Dr. em Teologia Alex Villas Boas (PUC-SP) contribuem com o artigo intitulado *Religião, Educação e Direitos: a Contribuição da Ecologia Integral na Perspectiva da Teologia Pública*. Frente à contemporânea crise ambiental, buscam interligar os campos da religião, educação e direitos de forma crítica e preocupada com o cuidado com a vida. Ecologia integral e teologia contextualizada ou pública podem contribuir, por meio da educação e do exemplo, para a construção de critérios, argumentos e ações públicas que viabilizem e garantam lutas e movimentos em prol de direitos e justiça contra violações sociais e ambientais.

Também vinculado ao campo da Teologia, o artigo *Ecologia e Fé: uma Reflexão em Busca de uma Práxis Pastoral*, do professor Dr. em História Eclesiástica Dilermando Ramos Vieira (ITESP; Faculdade São Bento) e do mestrando em Teologia, Fábio Luiz Ribeiro (PUC-SP), articula bases da fé cristã com o compromisso histórico do cuidado do ambiente, da criação. Defesa da vida em suas expressões ambientais e de saúde planetária desafiam para práticas pastorais responsáveis e críticas à exploração e aos abusos cometidos em relação à criação de Deus. Discurso teológico e práxis transformadora, via educação e pastoral, apresentam-se como perspectivas de atuação libertadora numa pastoral ecológica comprometida em todas as dimensões da vida.

O doutorando em Ciências da Religião (UMESP) e Mestre em Teologia, Vinicius Magno Borges Nunes Couto, contribui com o artigo *Criação, Queda e Redenção do Meio Ambiente no Pensamento de John Wesley*. Nele, mescla informações históricas com perspectivas de uma ecoteologia a partir dos trabalhos desse clérigo anglicano. Assim, destaca questões de saúde pública, trabalhistas, abolicionistas e prisionais do séc. XVIII, juntamente com a busca de elementos ecológicos na teologia de Wesley.

Na preocupação com as questões ecológicas e socioambientais em perspectiva cristã adventista, o professor em Teologia Aplicada, Dr. em Religião, Marcelo Eduardo da Costa Dias (Faculdade de Teologia do Centro Universitário Adventista de São Paulo) e a professora em Educação e Teologia, a Dra. geógrafa Germana Ponce de Leon Ramirez (UNASP), apresentam seu artigo *A Responsabilidade Socioambiental Intrínseca à Fé Cristã: uma Perspectiva Missiológica*. Nele, questionam a missiologia como campo religioso que pouco interage com estas questões ecológicas candentes. Com o pressuposto de que crenças e práticas religiosas podem contribuir significativamente com preservação socioambiental, em perspectiva cristã adventista conclamam esta área específica da Teologia que atente e atenda às demandas de nosso tempo, no compromisso com a criação e com Deus.

Preocupados com a crise ecológica atual, o Dr. em Teologia Valdir Stephanini, e o Dr. em Teologia Julio Cezar de Paula Brotto, ambos professores no Programa de

Pós-Graduação em Ciências das Religiões (Faculdade UNIDA), participam deste dossiê com o artigo *Religião e Meio Ambiente: o Caminho da Comunhão Potencializada pelos Pequenos Grupos Eclesiais*. Nele perscrutam possibilidades de relacionar categorias como comunhão e pequenos grupos eclesiais num esforço de constituir relações entre espiritualidade cristã e ciência. Para tal, dialogam com Boff, Stott, Garcia Rubio e Papa Francisco.

O artigo intitulado *Bein One with Nature: the Natural Non-Dual Experience in Thoreau*, do professor do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião (PPCIR; UFJF), Dr. em Ciência da Religião, Clodomir Barros de Andrade, apresenta parte da obra poética, filosófica e espiritual de Henry D. Thoreau, relacionada com a natureza. Insiste na necessidade de estabelecer, com ele, alguns vínculos poliédricos entre poesia, filosofia, espiritualidade para afirmar uma experiência não-dual simbiótica e arcaica com a natureza. Para ele, esta pode ser alcançada por meio de modulações linguísticas, como literatura/poesia e mitologia.

Entregamos a você, leitora e leitor, estas contribuições que sabemos serão de suma importância para processos de reflexão e transformação em relação às crises e suas necessárias reconfigurações socioambientais.

Nota

- 1 Para os fins desta Apresentação, de um ponto de vista estrito, Panteísmo seria aquela tradição religiosa que compreende que Deus e a realidade são co-extensivos; já o Panenteísmo seria uma doutrina filosófica que defende a tese de que o Ser se manifesta e se modula através de todos os entes.

Referências

FRANCISCO I. *Laudato Si*. São Paulo: Paulus; Loyola, 2015.

GOTTLIEB, Roger S. *The Oxford handbook of religion and ecology*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

MCGREGOR, R. K. Henry David Thoreau: the Asian thread. In: *Thoreau's importance for philosophy*. New York: Fordham University Press, 2012.

ONU. *Carta da Terra*, preâmbulo. Nações Unidas, 1982.

THOREAU, H. D. *Journal*: V. 2 (PJ.2.55). Edited: Robert Sattelmeyer. Princeton: Princeton University Press, 1984.

THOREAU, H. D. *A week on the Concord and Merrimack Rivers*. New York, Library of America, 1985.

THOREAU, H. D. Walking. In: *COLLECTED essays and poems*. New York: Library of America, 2001.

WHITE, Jr. Linn. The historical roots of the ecological crisis. *Science*, v. 155, p. 1203-1207, 1967.